

REPORTAGEM ESPECIAL

Situações econômicas local, nacional e estrangeira impactam nas comercializações

TÂNIA MEINERZ/JC

Uma das alternativas para as concessionárias gaúchas voltarem a crescer, incrementarem a comercialização e retomarem posições no ranking do mercado nacional é sair do Rio Grande do Sul. A sugestão é do economista, analista de investimentos e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Gustavo Moraes, que palestrou durante o Encontro Sincodiv-Fenabreve/RS, realizado no dia 22 de novembro, em Porto Alegre.

“Não temos elementos que possam indicar que o jogo vá virar no Estado e, se compararmos o setor com outros estados, vamos perceber que a perspectiva não é boa. Então, uma das saídas é sair”, afirmou o especialista.

Moraes pondera que os gaúchos contam com marcas fortes na área de concessionárias, acostumadas com consumidores exigentes e que, por isso, não seria difícil se adaptar fora do Estado. “Vocês têm todo o potencial para crescer fora do Rio Grande do Sul, mantendo o centro de decisão aqui e buscando crescimento nos demais estados brasileiros, quem sabe até em termos de América Latina.”

Para ele, esse movimento proporcionaria um respiro no fluxo de caixa e também alguma projeção com novos produtos. “A falta de perspectiva do Rio Grande do Sul é uma notícia triste, mas a notícia boa é que vocês já têm a base, o preparo. Todas as vezes que nós nos projetamos para fora, nos descobrimos”, afirmou.

Moraes acrescenta que essa mudança seria uma estratégia possível, a partir do momento que outros estados têm uma capacidade de investimento que o Rio Grande



Ex-ministro Adolfo Sachsida e secretário de Desenvolvimento, Ernani Polo, debateram soluções em Porto Alegre

do Sul não tem. “Ou nos preparamos para a mudança ou ficaremos permanentemente para trás, num Estado que tem a menor média de crescimento em termos anuais dos últimos 20 anos, com uma média de 1,6% ao ano no PIB.”

Em termos de cenário macroeconômico brasileiro, o especialista demonstrou que, desde 1980, o Brasil não consegue resolver a questão do crescimento econômico, pelo fato de não conseguir financiar desenvolvimento.

“Tudo indica que, neste ano, não passaremos de 3% de crescimento, o que já é considerado bom se comparado aos números de 2019, quando não passamos de 1%. Mas é preciso sair desse conformismo de que crescimento baixo é bom e tentar entender o que está errado nesse cenário”, ponderou.

Moraes explicou que existem três formas básicas de financiar o desenvolvimento: através de poupança privada, da poupança do governo ou poupança pública, e da poupança externa. E aqui está a resposta de por que o Brasil parou há 40 anos: naquela época, havia uma poupança pública, projetos importantes a partir do orçamento do governo. “Agora, só nos resta a poupança externa como porta de saída de financiamento do desenvolvimento e ela não constrói um futuro sólido e de expansão dos negócios. Especialmente na área industrial, onde o financiamento deve ser de médio prazo”, disse.

Ele acrescenta que, se o Brasil não for capaz de criar um ambiente de negócios, de concorrência e seguro para investimentos, vai seguir dependendo da poupança

externa e ela virá somente através de ondas, de eventos temporários. “E isso tem ligação direta com o setor das concessionárias, pois, infelizmente, vamos depender de crédito e, nesse cenário, esse crédito não estará disponível no nosso mercado.”

Moraes explica que o atual momento de conflitos internacionais tende a ser favorável para investimentos externos no Brasil, mas que a tendência é de que sejam passageiros.

“O Brasil acaba sendo um porto seguro de recepção de investimentos, mas não pelos méritos do País, mas pelas crises de outros países.” Para o especialista, outro grande gargalo é a disponibilidade de crédito, pois o setor automobilístico tem apenas 3% do crédito direcionado a toda a indústria.

“O crédito está direcionado para os setores que geram menos empregos, menos movimentação econômica e para aqueles setores que geram menos capacidade de renovação.” Entre os sinais positivos está a perspectiva de uma queda permanente e consistente de juros e o aumento do fluxo de investimentos estrangeiros.

“A não ser que a gente consiga essa repatriação da poupança privada que está no exterior, dificilmente vamos crescer sem um investimento estrangeiro. Bater na porta do Kuwait, onde tem US\$ 800 bilhões disponíveis na forma de um fundo soberano, na porta de Cingapura, dos japoneses e dos árabes talvez seja uma solução.”

O ex-ministro de Minas e Energia do governo Jair Bolsonaro, Adolfo Sachsida, também palestrou durante o Encontro do Sincodiv-RS, quando afirmou que o Brasil está pronto para crescer. “Estamos num momento bom, ao contrário do que muitos imaginam: o capital internacional está procurando por um porto seguro para investir, frente a um cenário de guerras. Basta o Brasil dar pequenos passos e terá uma enxurrada de bilhões de dólares para a economia brasileira. Esse é o grande momento do Brasil”, analisou.

O ministro acrescentou que, além dos investimentos externos, o futuro do Brasil depende fundamentalmente de evitar a deterioração da situação fiscal. “Buscar receitas extraordinárias que não sejam aumentos de tributos, reduzir gastos públicos, investir na digitalização de serviços públicos, rever gastos tributários e, acima de tudo, tentar impedir renovações sem avaliação de efetividade.”

VENDA MAIS
SEMINOVOS
COM 1 OU 2 ANOS
DE GARANTIA!



1 ano 2 anos
certificado com GARANTIA certificado com GARANTIA

Escaneie
e fale
conosco!



0800 7177776

gestautobrasil.com.br

f @ in gestautobrasil